

AUTORA DE COMER, ORAR, AMAR E A GRANDE MAGIA

ELIZABETH
GILBERT

TODOO
CAMINHO
ATÉ AO
RIO

AMOR, PERDA E LIBERTAÇÃO



Para os meus amigos e companheiros de recuperação



INVOCAÇÃO

Eu.

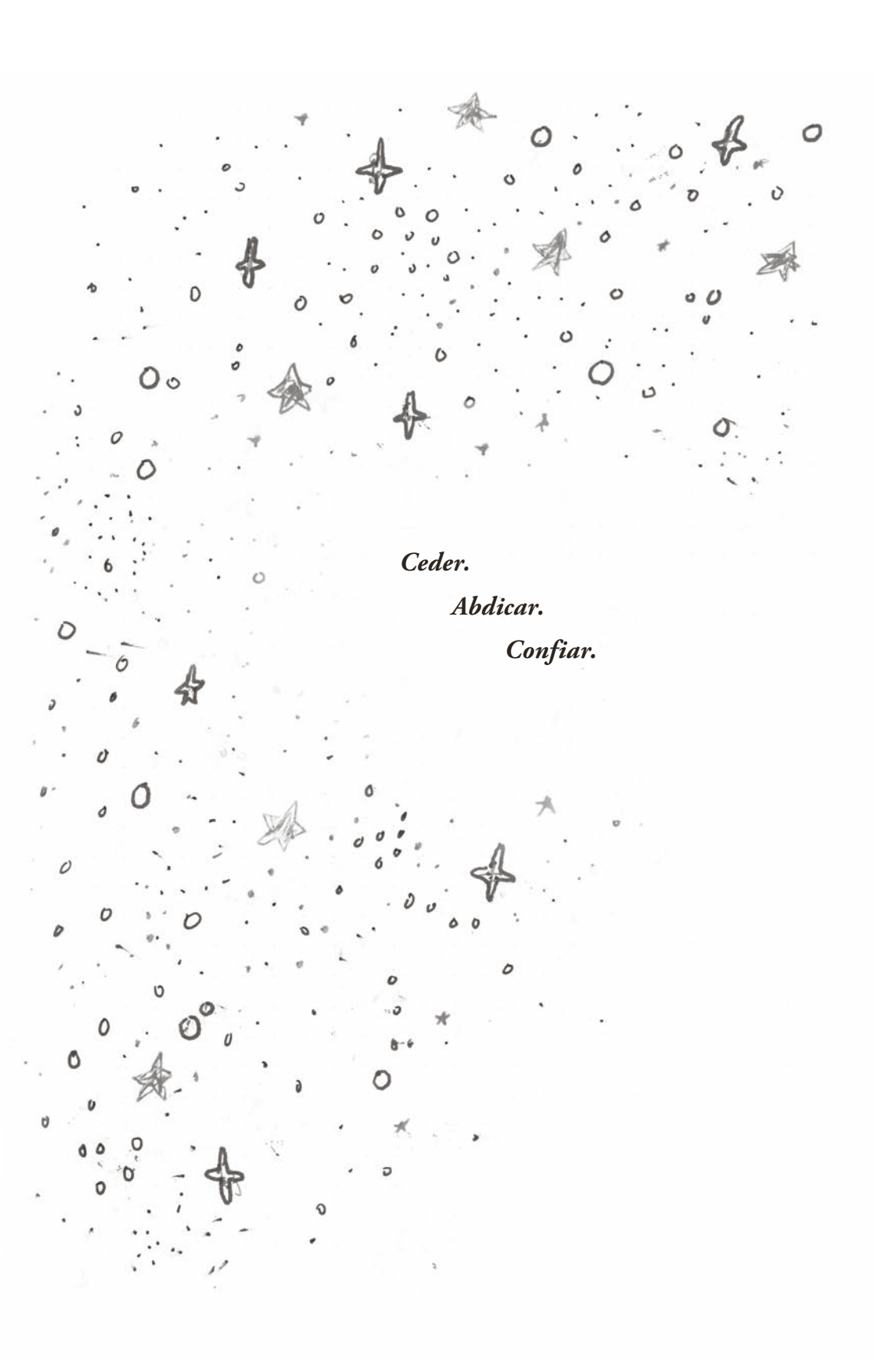
Eu cheguei.

Eu cheguei a.

Eu cheguei a acreditar.

*Eu cheguei a acreditar que uma força superior a mim poderia
devolver-me.*

*Eu cheguei a acreditar que uma força superior a mim poderia
devolver-me à sanidade.*



Ceder.

Abdicar.

Confiar.

Uma visita

Na manhã do meu quinquagésimo quarto aniversário, acordei de madrugada e apercebi-me imediatamente de que a minha companheira, a Rayya, estava no quarto comigo.

Foi uma proeza absolutamente impressionante da parte dela, porque, por essa altura, já estava morta há mais de cinco anos.

No entanto, ali estava ela — uma corrente agitada e energética de pura rayyanice, a percorrer o meu minúsculo apartamento em Nova Iorque, numa inconfundível onda após onda dela.

Não fiquei alarmada ou assustada (reconhecê-la-ia em qualquer lugar, amá-la-ia em qualquer lugar), surpreendida, sim, pois não aparecia há muito tempo. E, oh, tinha mesmo saudades dela! Costumava visitar-me muitas vezes assim, nos meses crus e desconcertantes que vieram logo a seguir à sua morte. Nesses tempos, estivera tão incrivelmente presente, tão constantemente acessível, tão divertida, amorosa e exigente, que eu costumava brincar: «A Rayya é mais intensa na morte do que a maioria das pessoas é na vida!»

Não era como se a pudesse ver nessas visitas passadas — ela não era uma noiva-fantasma espectral da época vitoriana —, mas conseguia sentir a sua presença inconfundível e ouvir distintamente a sua voz, a falar-me diretamente à consciência. A clareza da comunicação entre nós fora extraordinária na altura, logo após a sua morte. Era como se ela tivesse montado um sistema telefónico

sobrenatural com copos descartáveis surpreendentemente eficaz, a partir do qual podia falar comigo através do cosmos, usando um fio muito, muito comprido. O efeito era tão íntimo que chegava a ser sensual. E por vezes até divertido. Estava ali, em público, a sorrir e a anuir e a tentar agir como uma pessoa normal, mas eu e a Rayya passávamos o tempo inteiro em conversas privadas dentro da minha cabeça.

Numa festa em Los Angeles, cerca de seis meses após a morte da Rayya, uma mulher que eu nunca tinha visto veio ter comigo, pousou a mão no meu braço e disse:

— Soube que a sua amante abandonou recentemente o seu corpo, e lamento a sua perda. Mas preciso de lhe dizer uma coisa importante. Nos últimos tempos, ela tem-me aparecido em sonhos. Trabalho como vidente e tenho sensibilidade para estas coisas. A Rayya pediu-me para lhe dizer que sente muito a sua falta e que deseja comunicar consigo.

Manda essa cabra ir dar uma volta das grandes, exclamou a Rayya, de dentro da minha cabeça.

— Obrigada pela sua amabilidade — disse à desconhecida. A mulher passou-me um cartão de visita.

— Tem aqui o meu número, se alguma vez quiser falar diretamente com a Rayya.

Diz a essa idiota que não me volte a aparecer à frente da cama, disse Rayya.

Na altura, fora tudo tão selvagem e glorioso — sentir a minha Rayya ainda a dominar a sala, mesmo do além!

Mas as visitas começaram a diminuir com os anos.

Haviam passado dois anos.

Depois três.

Quatro.

«A vida continua», não é o que as pessoas dizem?

A voz da Rayya perdeu força.

Passaram-se mais de cinco anos.

O mundo mudara entretanto, e eu também. Houvera uma pandemia global. Havia guerras novas, emergências novas, mortes novas. Nasceram bebês que a Rayya nunca viria a conhecer. Eu escrevi livros que a Rayya nunca iria ler. Toda a gente falava de novos programas de televisão que a Rayya nunca veria. Numa tentativa desesperada de substituir a tristeza pela paixão, cheguei a sair com uma pessoa durante algum tempo depois da morte da Rayya («detonei-me para cima dessa pessoa» seria uma descrição mais exata do encontro), mas a relação terminou num desgosto rápido, devastador e previsível.

Desde então, não fora atrás de ninguém.

Em vez disso, passara esses anos a trabalhar em mim própria.

Ficara sóbria — não só abdicando do álcool e das drogas, mas afastando-me de todas as distrações sexuais e envolvimento românticos. Abandonara todas as substâncias ou pessoas que me intoxicavam, entorpeciam, assumiam o controlo sobre mim ou me alteravam o humor ou a mente de alguma forma. Estava a aprender a sentir os meus sentimentos e a processar as minhas emoções sem ter de recorrer a algo ou alguém para me acalmar. Procurara usar a minha voz, definir novas regras e limites e viver na minha própria integridade, guiada pelo meu poder superior. Um dia de cada vez, tentava pôr a minha casa interior em ordem. E fizera novos amigos — amigos saudáveis das salas de recuperação em Doze Passos. Amigos que nunca conheceriam a Rayya.

Ao longo de todo este processo, a presença da Rayya foi-se esbatendo e esmorecendo até chegar um dia em que já não a conseguia ouvir de todo — nem quando a chamava pelo nome, nem quando lhe pedia orientação direta ou amor. Passou a existir um imenso silêncio sem fronteiras no lugar onde antes a sua voz vibrara com tanta força. Era devastador e confuso para mim. Quase como uma segunda morte.

Para onde *fora* ela?

Seguira em frente ou fora eu a deixá-la para trás?

Não conseguia perceber.

Era como se ela tivesse saído do universo para ir comprar cigarros e nunca mais tivesse voltado.

Então — na manhã do meu quinquagésimo quarto aniversário —, de repente, ela estava aqui.

Mesmo aqui.

A sala zunia com a imensa energia da Rayya, e senti arrepios por todo o corpo. Desatei a rir e a chorar ao mesmo tempo.

— Querida! — exclamei. — Vieste ver-me!

Queria festejar, mas sentia que havia algo que ela me queria dizer, algo que exigia toda a minha atenção. Tive a sensação de ser agarrada pelo colarinho e abanada. Percebi que a Rayya não viera de tão longe para uma visita casual; viera para transmitir uma mensagem da maior importância. Havia palavras e informações a saírem dela e a entrarem na minha mente, quase demasiado depressa para as conseguir captar. O interior da minha cabeça parecia um salão de jogos. Peguei no diário que tenho sempre ao lado da cama e comecei a escrever tudo o que ela dizia — tudo o que conseguia apanhar.

E eis o que a Rayya tinha para me dizer:

Feliz aniversário, Baby Dude!

Estou aqui e amo-te!

AMO-TE!

Estou tão orgulhosa de ti!

Não te preocupes em deixar-me para trás. Estarei à tua espera no rio quando tudo isto acabar, e então tudo fará sentido!

Sei que às vezes ainda te chateias comigo por causa de algumas merdas que se passaram entre nós no fim, mas não faz mal. Fica zangada se precisares de ficar zangada, querida. Mas sê sincera e escreve sobre isso. No entanto, mantém-te no programa e não te preocupes com a maneira como eu fazia as

coisas ou com o que eu iria pensar da maneira como estás a fazer as coisas. Amo-te e quero esta liberdade para ti! Estou tão orgulhosa da tua sobriedade — estás mesmo a conseguir! Estás a percorrer todos os passos, miúda! És uma estrela, continua! Não deixes que eu ou qualquer outra pessoa te impeça de continuar!

E não te preocupes tanto com as pessoas, está bem? Pensas demasiado nos outros! Não voltes a tomar conta de ninguém! Não deixes que ninguém te engane ou arraste para os seus dramas ou que te obrigue a tomar conta de si. Deixa que cada um descubra o seu próprio caminho — é bom para o outro e é bom para ti. Tens bons amigos agora, mas eles não precisam que andes a carregá-los às costas!

Respira, querida, respira...

Estou mesmo aqui, contigo. Não estou a desaparecer...

Respira, querida, respira.

Deixa-me só olhar para ti por um minuto. Vê-me só esses olhinhos de arco-íris! Olha bem para as tuas lágrimas brilhantes! És tão linda!

Há uma coisa que tens de compreender, querida, e vou explicar-te, por isso ouve: a razão pela qual já não venho é porque ambas queremos que faças o teu próprio caminho — e é isso que tem de acontecer agora. Sei que queres que eu diga que estou sempre aqui se precisares, mas a realidade é que já não precisas de mim — e essa é uma excelente notícia. Porque achas que não iria festejar isso? Dantes, precisava que precisassem de mim, mas já não preciso disso — e tu também não. Quero que sejas livre de todas as necessidades, e estás finalmente a chegar lá!

Respira, querida, respira...

Tens tudo aquilo de que precisas agora. Segue o teu percurso. Estás no caminho certo. Encontraste o teu Deus — e o teu Deus é espetacular. O teu Deus está iluminado! A tua

comunidade tem-te protegido, e nunca mais precisas de ser diminuída por qualquer tipo de dependência. Agora vais mesmo brilhar! Está na tua hora!

Já agora, a minha mãe manda cumprimentos e agradece tudo o que fizeram por mim. Ela sabe o que fizeste e quer que te diga que te adora!

Mas, querida, ouve-me bem: entre nós e quanto a nós, a cena ficou superlixada no fim — e não foi culpa tua ou minha. A forma como as coisas correram nem sequer foi errada. Tinha apenas de ser. Tínhamos um trabalho a fazer na história uma da outra, e fizemo-lo na perfeição. Tudo correu exatamente como deveria, mesmo as tretas e a loucura. Mas, por trás de todas as histórias, havia uma verdade: amávamo-nos imenso. Simplesmente amávamo-nos. Amávamo-nos. Amávamo-nos. Amávamo-nos.

AMÁVAMO-NOS TANTO!

Quando chegar o momento de abandonares esta vida, vou buscar-te, está bem? Percebeste? Estarei à tua espera no rio, e reconhecerás o meu rosto. Quando eu te disser para agarrares a minha mão, pega simplesmente nela. Levo-te e mostro-te tudo. Esse é o meu papel na tua vida agora, querida, e é um papel sagrado. Vou desempenhá-lo com força, honra e compaixão. Foram essas as nossas palavras? Já não me lembro. Enfim, que se lixe, fica sabendo que estarei lá...

Mas isso só daqui a muito tempo. Antes disso, não andes à minha procura por todo o universo! Vai viver a tua vida e torna-a totalmente tua. Essa é uma das coisas, a principal, que vieste aqui fazer — aprender a viver a tua própria vida sem te preocupares com mais ninguém. Esse é o teu caminho, e estás nele — e não podes ir à minha procura e fazê-lo ao mesmo tempo.

Quanto ao livro, escreve o que quiseres!!! Conta às pessoas exatamente o que aconteceu! Diz-lhes tudo o que se passou!

Não te preocupes em proteger a minha dignidade ou a tua. Faz um punk rock completo. Desbronca-te. Para que me serve a dignidade agora? Tu também não precisas de dignidade, por isso que se lixe. Está na altura de escreveres um livro absolutamente sincero sobre a dependência — a tua e a minha. Irá ajudar algumas pessoas, por isso não te retraias!

Gosto do título Todo o Caminho Até ao Rio — mas que sei eu? Estou morta! Se calhar, devias perguntar a alguém que ainda esteja vivo! AH!

Não te preocupes, meu amor, não me importo de estar morta. Até gosto.

Mas tenho saudades de grelhados.

Sabes que mais, querida? Olhando para ti neste momento, gostava de poder pôr as mãos no teu cabelo, porque as tuas raízes estão espetaculares!!! Da próxima vez que fizeres um tratamento de queratina, certifica-te de que usas a verdadeira queratina brasileira da velha guarda com formaldeído, porque é a única coisa que te suaviza o frisado e mantém o cabelo brilhante. Não te preocupes com o cancro do fígado causado por formaldeído — o cancro do fígado era uma coisa minha, não tua. AH!

O vosso mundo é tão bonito! OLHA PARA ELE! Não, a sério, olha para ele! É tão bonito de ver que te vai partir o coração, mas é isso que se pretende que faça. Deixa-o partir-te o coração. Sabes que sempre gostei de um bom desgosto de amor.

Minha bebé cheia de sol, sempre foste a minha bebé — mas não continues a ser bebé. Lembra-te de que também sempre te amei como mulher — uma mulher bonita, elegante, forte, criativa e com um poder incrível. E ninguém se pode comparar a ti em termos de chama espiritual. Continua a roer as tuas próprias pernas para te libertares de qualquer armadilha que te impeça de alcançar a liberdade...

Sê livre, meu amor. Sê livre, sê livre! Sê fiel ao teu caminho e mantém-te sóbria!

Tu consegues! Não estás tão lixada como pensas! Tu consegues! Agora é a tua vez de te manteres de pé. Por isso, continua a tomar conta de ti. Deixa que todos à tua volta cuidem das suas próprias vidas enquanto tu cuidas da tua. É essa a missão...

Amo-te e sei que me amas, mas não te agarres a mim — nunca mais te agarres a ninguém ou a algo. Concentra-te em ti agora. Vive a tua própria vida! Continua, meu amor. Continua. Desta vez vais até ao fim — até à iluminação ou lá como lhe costumavas chamar. Tens tudo aquilo de que precisas. Os teus amigos são fixos, o teu programa é fixe, o teu coração é forte, e o teu Deus é sólido como uma rocha. Nunca mais te entregues. Tu és capaz. És linda. Não venhas à minha procura. Continua. Mantém-te concentrada. Amo-te. Amo-te. Amo-te...

Depois a caneta esmoreceu, e a Rayya foi-se embora — como se tivesse sido sugada pela porta de um avião, a mil quilómetros por hora.

Ela sempre teve jeito para saídas dramáticas.

No rescaldo silencioso e súbito da visita da Rayya, o meu coração acelerou e depois serenou.

As lágrimas encheram-me os olhos e depois acalmaram.

E depois pus-me a trabalhar.

Este livro, com as suas histórias, orações, poemas, entradas de diário, fotografias e desenhos, é o meu melhor esforço para contar a verdade sobre o que aconteceu entre mim e a Rayya Elias — a nossa amizade, o nosso romance, a nossa beleza, raiva e dor. Conta a história da dependência da Rayya, da sua recaída e da sua morte. Também conta a história da minha própria dependência e, por fim, da minha entrega ao processo de recuperação.

Mas este livro não se destina apenas a pessoas cujas vidas foram afetadas negativamente pelas suas próprias dependências ou pelas dependências de outros — embora acredite que essas duas categorias incluam praticamente todos nós, num momento ou noutro. Este livro é também sobre as muitas formas como as pessoas — apesar dos seus melhores esforços no sentido de viverem vidas saudáveis e estáveis — podem, por vezes, ser arrastadas para dramas e traumas explosivos, indo desembocar em praias que podem parecer muito distantes da sua verdadeira natureza.

Como raio vim aqui parar? é uma pergunta que, na minha opinião, toda a gente terá de enfrentar em algum momento da sua passagem pela vida. Talvez até em vários momentos. Pois quem de nós nunca se perdeu, para nosso próprio embaraço? Quem nunca acabou em cenários assustadores, alienantes, vergonhosos, capazes de esmagar qualquer espírito? Quem não guardou segredos ou foi traído ou tentou controlar o comportamento dos outros? Quem nunca ansiou por fugir ao sofrimento? E quem não procurou substâncias, pessoas, comportamentos ou distrações que oferecem um alívio temporário dos desconfortos inerentes à própria existência?

Aquilo a que normalmente chamamos «viciado» é, acredito, apenas uma versão exagerada de *todos nós* — apenas uma pessoa tão desesperadamente em busca de alívio para a dor da vida que recorrerá a qualquer coisa (ou a qualquer pessoa) para a aliviar.

Este livro é sobre essa procura de alívio e sobre quão selvagens e depravados nos podemos tornar.

Mesmo os mais fortes. Mesmo os mais corajosos.

Espero, para vosso bem, que nunca tenham descido tão baixo como eu e a Rayya em alguns momentos da nossa viagem juntas. Porém, mesmo que as vossas rodas nunca tenham saído *completamente* do eixo, suspeito, a um certo nível, que eu possa ser o leitor, e que o leitor possa ser eu, e que todos nós possamos ser a Rayya.

Ofereço portanto este livro a quem dele possa precisar, com amor e respeito.

A parte de mim que ainda luta contra a codependência gostaria de dizer que eu e a Rayya o escrevemos juntas, mas a verdade é que ela queria que eu o fizesse sozinha — e foi precisamente isso que aconteceu.

Como dizemos em contexto de recuperação: fica com o que te serve e deixa o resto.



* Os textos encontrados nas ilustrações estão traduzidos na página 438.

Quando as pessoas me perguntam «quem foi a Rayya?»

Rayya Mokdessy Elias.

Nascida na Síria, criada em Detroit, forjada no Lower East Side de Nova Iorque.

Rayya: que veio para a América com 7 anos, oriunda da bela e vibrante cidade de Aleppo — onde a sua família fora rica e glamorosa e onde, na sua memória, havia sempre música e dança e flores por todo o lado.

Rayya: que, depois de chegar ao Michigan frio, estranho e escuro como o inverno, nunca mais se sentiu em casa em lado nenhum.

Rayya: que sempre se sentiu demasiado do Médio Oriente para ser americana e demasiado americana para ser do Médio Oriente. Que falava um árabe suficiente para discutir com taxistas, mas cuja única referência consistente às suas origens era encomendar sempre refeições *halal* nos aviões — apesar de ter sido criada como cristã ortodoxa. («É só porque esta merda é mais fresca, *yo!*»)

Rayya: cujos pais imigrantes, tradicionais e trabalhadores nunca conseguiram compreender esta sua filha mais nova e selvagem. Que era absolutamente indomável. Que odiava estudar e trabalhar. Que era uma criança carinhosa e afetuosa, mas também a mais desobediente. Que era uma artista radiante — um palhaço,

uma estrela — com um rosto sempre inundado de luz. Que nunca deixou de fazer rir os pais e nunca deixou de os fazer chorar. Que, aos 13 anos, já faltava à escola para atravessar as fronteiras do estado com amigos mais velhos para ver os Led Zeppelin em concerto. Sob o efeito de ácido. Que também vendia.

Rayya: que se descrevia como uma «fufa ex-agarrada, ex-presidiária, pós-*punk* e glamorosa». Que só saiu do armário aos 20 e poucos anos, porque não havia lugar para a sua natureza *queer* na comunidade ortodoxa síria da Detroit dos anos 1970, onde as raparigas só abandonavam tradicionalmente a casa dos pais depois de um casamento de sucesso com médicos e advogados da comunidade de imigrantes árabes. Que, enquanto crescia, era considerada demasiado masculina para ser bonita segundo os padrões da época, mas demasiado feminina para ter as liberdades de que irmãos e primos gozavam. Que sempre se sentiu humilhada e excluída. Que não sabia *o que* era até começar a ver pessoas como Elton John, David Bowie e Freddie Mercury na televisão — e que depois quis ser como eles.

Rayya: que era linda. Que era *deslumbrante*. Que se identificava como andrógina. Que tinha os olhos escuros e as maçãs do rosto dramáticas dos heróis dos manuscritos persas, cheios de iluminuras. Cujo corte de cabelo estava sempre entre o penteado de *skater punk* de um rapazinho num anúncio de *anime* japonês e um penteado à Keith Richards. Cujo rosto transitava de masculino para feminino, de sensato para brincalhão, de intemporal para infantil, à medida que a luz mudava.

Rayya: para quem eu podia olhar o dia inteiro e nunca me aborrecer.

Rayya: que tinha um talento extraordinário na música, na escrita, no cinema e a arranjar cabelos. Que conseguia fazer amigos com qualquer instrumento musical. Que era uma intérprete eletrizante, dotada de uma voz musculada, bonita e com três oitavas de amplitude. Que, no entanto, se debatia com a insegurança,

o vício, a vergonha e a paralisia criativa e nunca teve o sucesso que desejava. Que, no entanto, fez filmes independentes que foram exibidos no Festival Internacional de Cinema de Berlim e nunca parou de escrever canções e publicou um livro de memórias brilhante que era sobre, entre todas as outras coisas, a recuperação da toxicodependência.

Rayya: que uma vez perdeu um contrato discográfico de seis dígitos porque disse a um executivo da Sony para lhe chupar a pila.

Rayya: que era a sua pior inimiga — que era a sua única inimiga. Que se meteu numa quantidade incrível de sarilhos durante a sua vida, mas que conseguia safar-se de todos com conversa. Que uma vez disse a um juiz: «Senhor, mereço justiça, mas hoje peço-lhe humildemente misericórdia.» E a quem foi concedida misericórdia nesse dia — porque a humildade da Rayya, sempre que a revelava, era a coisa mais terna e irresistível que alguma vez se viu.

Rayya: que estivera em inúmeras prisões, centros de reabilitação e instituições, e que — durante o ignominioso motim de 1988 no Tompkins Square Park — vivera num banco desse parque durante bastante tempo, com uma agulha no braço, mal se apercebendo da ação policial que se desenrolava à sua volta.

Rayya: que estava muito orgulhosa por finalmente ter ficado limpa e que acreditava verdadeiramente que o fizera sozinha. Que nunca passou do quarto dos Doze Passos, mas que, mesmo assim, foi às reuniões de reabilitação durante anos para poder ser o centro das atenções com as suas histórias de *overdose* mais dramáticas e conviver com todos os velhos amigos das ruas e do seu meio. Que nunca reconheceu *realmente* a sua impotência perante o vício (ou perante qualquer coisa, se pensarmos bem). Que anunciou, após mais de uma década de sobriedade, que já não era toxicodependente, para não ter de voltar àquelas reuniões aborrecidas. Que declarou sobre a sua toxicodependência: «Esse rótulo já não funciona para mim.»

Rayya: que abandonou a recuperação por decisão própria, com resultados, no fim de contas, verdadeiramente devastadores.

Rayya: que jurava que tudo o que sempre desejara era ser boa.

Rayya: que *era* boa. Que era a presença mais fundamental na vida de quase todos os seus amigos e familiares. Que era a confidente de toda a gente. Que ficou amiga de todas as suas ex. Que era a nossa base. Que tinha cópias das chaves e palavras-passe de toda a gente. Que vinha connosco quando era altura de negociar carros, casas, divórcios. Que era a nossa mediadora e a nossa guia espiritual. Que nos orientava nas nossas conversas mais difíceis. Que amava e aceitava cada um de nós singularmente, incondicionalmente, ferozmente. Que nos perdoava sempre que falhámos. Que nos ensinava a perdoarmo-nos uns aos outros. Que nos transformava em pessoas melhores.

Rayya: que era a minha guarda-costas. Que era a guarda-costas de toda a gente. Que uma vez percorreu meio planeta para bater numa porta e retirar fisicamente uma amiga muito querida de uma relação que se tornara violenta. Que conseguia desarmar a insanidade de qualquer pessoa — exceto, como se veio a verificar, a dela própria.

Rayya: rápida a lutar, rápida a chorar, rápida a rir, rápida a perdoar. Uma individualista insegura. Uma Carneiro ardente com um coração de *marshmallow*. Uma cínica sentimental. Mestre da manipulação infalivelmente honesta. Uma protetora feroz que, de alguma forma, tinha sempre alguém a tomar conta dela. Um perfil alfa carente que exigia solidão, mas não suportava estar sozinha.

Rayya: que nunca preví, planeei ou consegui controlar. Que começou por ser a minha cabeleireira, depois se tornou alguém que conhecia socialmente, depois uma amiga, depois uma vizinha, depois a minha melhor amiga e depois a minha «pessoa». Que se transformou lentamente em algo para o qual eu já não tinha palavras — porque, como mulher casada e feliz, o que se esperava que fizesse em relação a *ela*?

Rayya: que não me roubou o coração, mas que o foi abrindo gradualmente, até eu só querer ficar ao seu lado para sempre.

Rayya: que acabou por se tornar minha amante, minha companheira — mas só quando descobrimos que sofria de um cancro terminal no pâncreas e no fígado e que lhe haviam sido dados apenas seis meses de vida.

Rayya: que acabou por viver mais vinte meses depois do seu diagnóstico — porque nunca seguiu as regras de ninguém, nem as do cancro.

Rayya: que me deixou entrever a suavidade que escondia de toda a gente. Que tinha uma pele como seda lavada. Que adorava que lhe fizessem cócegas nas costas. Que se enroscava nos meus braços como um bebé. Que tinha medo de insetos, de trovões e de ter de engolir comprimidos. Que tinha pavor dos hospitais. Que tinha sempre medo de ter desbaratado a sua vida.

Rayya: cuja dor oncológica e o medo da morte acabaram por conduzi-la até aos braços do álcool, dos cigarros, do açúcar, da erva, do *Xanax*, do *Vicodin*, do *Ambien*, da codeína, da morfina, da trazodona, do fentanil e da cocaína.

Rayya: cujo regresso à toxicodependência ativa transformou os últimos meses da sua vida num inferno para todos os envolvidos. Cujá recaída me levou tão longe na insanidade que uma vez pensei seriamente em assassiná-la, porque acreditava que ela me estava a matar.

Rayya: que me partiu o coração.

Rayya: que me amou mais do que qualquer outra pessoa. Que amei mais do que qualquer outra pessoa.

Rayya: que morreu nos meus braços.

Rayya: cujo nome significa «brisa perfumada», em árabe, mas que era mais como um cometa a despedaçar-se.

Rayya: que era uma lenda para todos os que a conheciam. Que era a pessoa com quem toda a gente queria andar, divertir-se, brincar, dormir, viajar, como a qual todos queriam vestir-se,

com a qual todos queriam fazer confidências, que todos queriam imitar.

Rayya: que expulsava sempre as pessoas de casa no fim da festa, mesmo que a casa não fosse sua.

Rayya: a pessoa que toda a gente seguia até casa. Por quem toda a gente ficava caidinha. Por quem eu fiquei caidinha — da mesma forma que um praticante de *rafting* cai de um barco e é sugado para um torvelinho e nunca mais é visto pela família.

Rayya: que tinha uma cara feita para que nos afogássemos nela.

Rayya.

Às vezes ainda tenho dificuldade em dizer o seu nome e respirar ao mesmo tempo.

ONDE RESIDE O CONFORTO?

Não no canto.

Não nas canções.

Às vezes, no som que as pombas em luto fazem
nas árvores ao lado da casa
onde viveste com ela apenas um verão...

apenas nesse verão, quando todos os dias eram longos.

Minha criança corajosa e cansada...
as respostas simples nunca funcionaram para ti,
porque sabes que não são verdadeiras.

A única coisa que te pode segurar agora
tem de segurar tudo o resto também.

É tempo de veres
que todo o sofrimento
e toda a dor
e toda a vergonha
são apenas crianças em busca de um lar...
como tu procuras,
como ela procurava.

É tempo de compreenderes
que nada não pertence a Deus,
e nada não regressa a Deus,
e nada não vive para sempre
no espaço imenso e sem nome a que sempre chamaste Deus...

nem os teus gritos desfeitos,
nem o seu último adeus,
e muito menos as pombas em luto.

O lugar de todas as coisas é aqui, meu amor...
ou nada é.

Todo o caminho até ao rio

A Rayya gostava de usar um mapa do centro da cidade de Nova Iorque como metáfora funcional para as suas amizades e relações.

A forma como a explicava era a seguinte.

Primeiro, dizia, temos os nossos amigos da Quinta Avenida, que estão mesmo no centro do mapa. São as pessoas com quem somos completamente artificiais. Só lhes deixamos ver a nossa superfície, e elas só nos deixam ver a superfície delas. São os nossos conhecidos sociais e os contactos profissionais. Todos tentam impressionar-se uns aos outros; ninguém diz a verdade. Nenhum dos amigos do grupo da Quinta Avenida se conhece realmente ou quer ser conhecido.

No entanto, se nos dirigirmos mais para Leste, temos os amigos da Quarta e Terceira Avenidas. Continuamos a ser educados com estas pessoas, mas deixamos que elas vejam um pouco mais da nossa verdadeira natureza. Podemos brincar, ser um pouco descontraídos, partilhar alguma intimidade. Provavelmente já conhecemos as suas famílias. Talvez tenhamos ido ao seu casamento. Sentimos um carinho sincero por essas pessoas, mas elas ainda estão na periferia do nosso coração.

Se continuarmos a andar, encontramos os nossos amigos da Segunda e da Primeira Avenidas. Começamos agora a chegar a algum lado. Estas pessoas *conhecem-nos* mesmo, e nós conhecemo-las. Temos uma história profunda juntos. Talvez sejamos vizinhos desde sempre. Talvez tenhamos viajado juntos. Talvez tenhamos

começado negócios juntos. Testemunhámos os sucessos e os fracassos uns dos outros e podemos ser sinceros e vulneráveis uns com os outros. São pessoas em quem podemos confiar, que nos protegem e que estarão sempre presentes.

Porém, só quando chegamos aos amigos de Alphabet City, dizia a Rayya, começamos a sentir a verdadeira intimidade. Os nossos amigos das avenidas A, B, C e D já passaram por algumas cenas connosco e ainda conseguem gostar de nós. Estas são as pessoas que nos pagaram a fiança. São as pessoas que nos foram visitar quando estávamos em reabilitação, que sabem do caso, que nos seguraram a cabeça enquanto vomitávamos, em cujos sofás dormimos durante o divórcio. Tiraram-nos as chaves do carro quando tiveram de o fazer. Chorámos nos braços delas quando perdemos o emprego, a mãe, o bebé, a cabeça. Vimo-nos em salas de espera de hospitais, em funerárias, em clínicas de interrupção voluntária de gravidez. Ligaram-nos quando estavam a ter um ataque de ansiedade no aeroporto. Talvez tenhamos tido algumas discussões amargas ou mal-entendidos ao longo dos anos ou sentido necessidade de deixar de falar com elas durante algum tempo. Os limites foram ultrapassados e reultrapassados. Tivemos de nos perdoar uns aos outros. Estes são os amigos mais verdadeiros que alguma vez teremos na vida.

Mas o mapa da cidade de Nova Iorque ainda não acabou.

Continua.

Se tivermos muita sorte, dizia a Rayya, poderemos encontrar um amigo — apenas um amigo — ao longo de toda a vida, que estará ao nosso lado durante todo o caminho até ao East River. Este é o amigo que sabe *tudo*. Esta é a pessoa com quem nunca poderíamos ser falsos, mesmo que tentássemos. Esta é a pessoa que consegue ler a nossa expressão a três quarteirões de distância e que sabe imediatamente quando algo se passa. E quanto àquele último segredo terrível que temos escondido de toda a gente desde sempre? Aquele segredo que sempre achámos que nos destruiria se

alguém o soubesse? Esta pessoa sabe-o. Que diabo, pode até ter estado *envolvida* nele. E, no entanto, nada do que pudéssemos fazer nos levaria a perdê-la. Esta pessoa é o nosso último telefonema a meio da noite, no meio do nada, quando não temos mais para onde nos virar.

A Rayya costumava dizer-me: «És a minha amiga do caminho até ao rio.»

E era. Era-o *orgulhosamente*.

E ela era a minha.

Eu sabia-o, ela sabia-o, toda a gente o sabia — e eu usava o título como um distintivo de honra.

Por isso, faz algum sentido que, quando descobrimos que a Rayya estava a morrer, tenhamos começado a chamar à sua morte «o rio».

«Quero que me acompanhes até ao rio», disse-me no dia em que lhe foi diagnosticado cancro em fase terminal, e prometi-lhe que o faria.

«Não posso entrar no rio contigo», disse eu, «mas acompanho-te até à margem. Estarei contigo em cada passo do caminho».

E essas palavras soaram bonitas e reconfortantes aos nossos ouvidos assustados.

Mas eis a verdade acerca da metáfora do mapa da Rayya.

Se está familiarizado com a geografia da baixa de Nova Iorque, sabe que caminhar da Quinta Avenida até ao East River *não é um passeio lá muito agradável*.

Começa bem, claro, quando se passeia por grandes bairros cheios de história e charme. Depois, começa a tornar-se extravagante, mas de uma forma fixe. Por algum tempo, em torno da Primeira Avenida, as coisas tornam-se divertidas — coloridas, movimentadas, vibrantes e diversificadas. E depois mais cruas. E depois tristes, quando passamos pelos projetos falhados de uma cidade que parece ter abandonado os seus habitantes mais vulneráveis. E depois perigosas, quando começamos a olhar por

cima do ombro à medida que nos desviamos de seringas usadas e toxicodependentes inconscientes. Quando nos aproximamos do rio, não é assim tão fácil percorrer o troço final, porque pelo caminho existe uma gigantesca autoestrada com várias faixas, cheia de automobilistas a conduzirem a grande velocidade, desinteressados da segurança do nosso pequeno e frágil corpo humano. Teremos de encontrar o acesso à passagem superior para peões, que não é facilmente localizável e que está pejada de merda de cão e grafitis, não oferecendo propriamente uma visão bucólica.

E quando finalmente chegamos ao rio? Bem, é o *East River*, malta. É uma pasta de esgotos, plásticos e resíduos médicos, coberta por uma leve película de óleo industrial e apinhada de carros afundados e toneladas de esqueletos de gângsters mortos há muito tempo.

O que quero dizer é que ser a pessoa «do caminho até ao rio» de alguém é uma viagem perigosa. A intimidade a esse nível é *dura*. Veremos coisas em nós próprios e na outra pessoa que nos irão assustar e magoar; e viveremos coisas que nos irão mudar. Não teria perdido a minha viagem com a Rayya por nada neste mundo, mas não tenho a certeza de a *recomendar*. E, decididamente, não quero voltar a fazer algo do género. Porque, embora grande parte dessa caminhada tenha sido mágica, muitos troços foram extremamente feios e dolorosos de suportar, e tenho quase a certeza de que me roubaram alguns anos de vida.

Talvez seja por isso que não é possível conhecer muitas pessoas tão profundamente como eu conhecia a Rayya.

Por vezes, acho até que nem se pretende que caminhemos até ao rio com alguém.

Talvez chegue um ponto em que cada um de nós tem de encontrar o caminho até ao rio por si só.

E, já agora, há outra coisa que só recentemente descobri: aquilo a que nós, nova-iorquinos, chamamos *East River* *nem sequer é um rio*! É um estuário de maré. O que significa que flui em ambas as

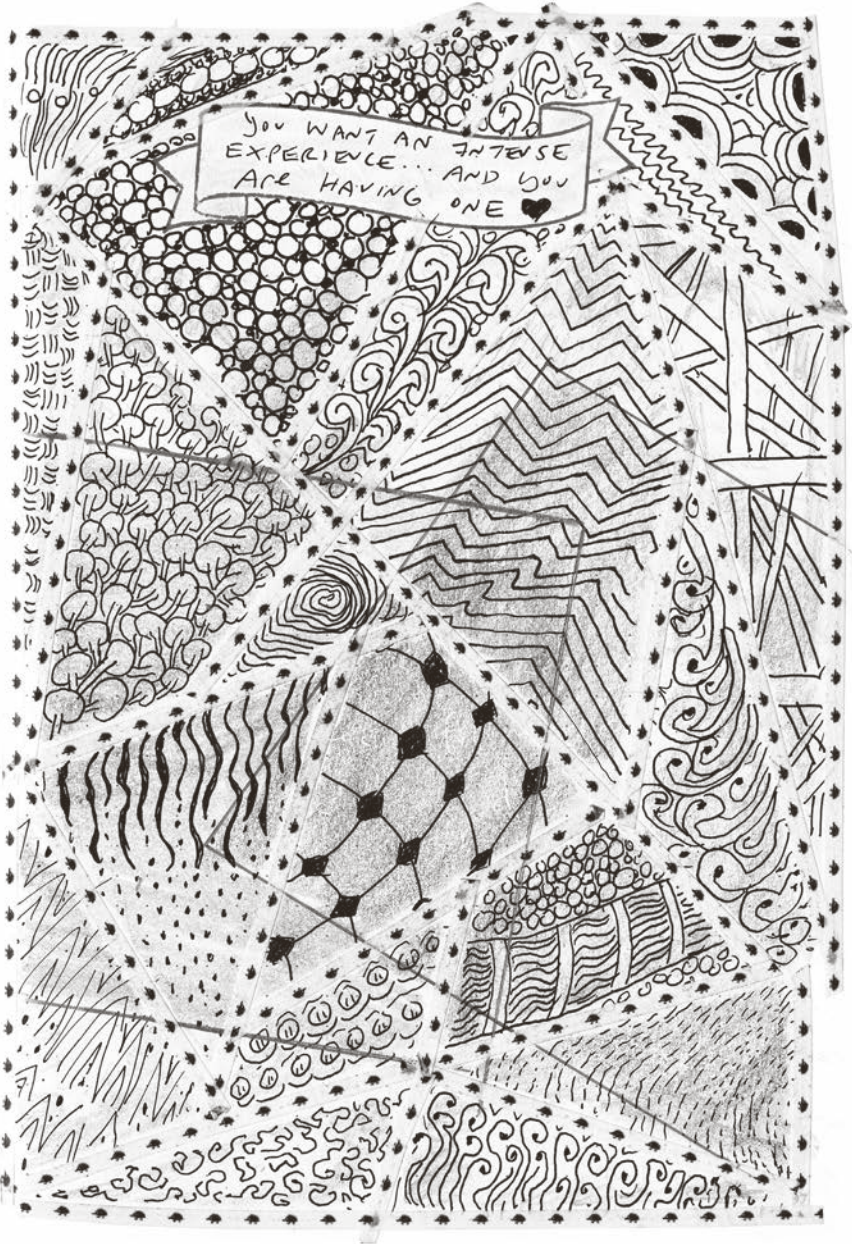
direções, e a sua natureza química varia constantemente. Tanto salgado como doce, é generativo mas mutável. A água poluída e as marés novas e brilhantes estão sempre a fluir para trás e para a frente através de fronteiras invisíveis. A navegação pode tornar-se complicada. A salinidade extrema pode tornar a visibilidade subaquática reduzida. As correntes são imprevisíveis. Os nadadores e os barqueiros devem ter cuidado para não serem arrastados para o mar.

Sinceramente, nem se consegue perceber se esta massa de água finaliza no início ou inicia no fim.

Mas sim, regressemos à nossa história.

Prometi à minha querida amiga Rayya Elias que iria com ela até ao rio.

E, Deus nos ajude, foi exatamente o que fiz.





LIBERTA-ME DA ESCRAVIDÃO DO EU

Querido Deus...

A minha dor está a matar-me.

E as minhas opiniões também me estão a matar.

E os meus ressentimentos estão *definitivamente* a matar-me...
várias vezes ao dia, só por gozo.

Os meus desejos continuam a aterrar-me em valas,
mamas espetadas para o céu,
com caroços misteriosos na nuca.

A minha exigência de que todos os dilemas do mundo sejam resolvidos
até ao fim do dia produz uma nova colheita de insanidade a cada vinte
e quatro horas, e guardo as chaves do inferno numa corrente chamada
justiça que uso à volta do pescoço como uma chapa de identificação.

Entretanto, ao que parece, continuas simplesmente a deixar toda a
gente fazer a merda que lhe apetece.

E continuas a matar as pessoas boas e a deixar os idiotas para trás.

Ou a permitir que as pessoas boas se transformem em idiotas — o que
é ainda pior.

E equipaste cada um dos teus filhos terrenos
com uma espécie de dispositivo de bloqueio de frequência
que impede as pessoas de seguirem as minhas indicações...
apesar de eu ter sempre razão e saber absolutamente o que é melhor
para todos.

Oh, Deus, por favor ajuda-me.

Oh, meu amado Deus...
não vês como isto me desgasta?

Andar por aí com a minha vontade às costas como uma carapaça feita
de chifre e latão?

Usar os meus pontos de vista como uma almofada de alfinetes na cara?

Deus, estou farta de ser eu própria...
e acontece que não me deixas ser tu,
por mais que tente.

Então, onde é que isso nos deixa?
Tu, o misterioso Criador de todas as coisas.

Eu, as senhoras e os senhores do júri.

Sento-me na margem do teu rio e descalço os sapatos.

Mãe de Tudo, ensina-me as regras.
Plástico, musgo e lama por todo o lado.
Neblina, telemóveis, folhas amontoadas.
Um avião a passar.

Um cão a coxear.

Mostra-me,
mostra-me,
mostra-me como viver.

Ouçó agora o teu pardal.

Ouçó agora o teu corvo.

Ouçó agora o teu trânsito, na ponte alta, acima de mim.

Estás simplesmente a deixar que tudo isto aconteça, não estás?

A deixar que se desenrole, como uma mão a abrir-se.

Apesar da minha resistência, sem que o autorize.



Surrender
the
Why

Vai mas é viver a tua vida!

Conheci a Rayya Elias na primavera de 2000 — o que foi há tantas vidas que parece ter acontecido num planeta completamente diferente a uma pessoa completamente diferente.

Na altura, tinha 31 anos e era casada — o meu primeiro casamento, mais especificamente.

Na altura, encontrava-me num determinado caminho. Era o caminho que me tinham ensinado; o caminho que eu procurara. Marido, casa bonita, bom emprego, prestes a começar uma família. Mas a minha vida encontrava-se a um instante da explosão, porque — como qualquer pessoa que tenha lido *Comer, Orar, Amar* sabe — estava em vias de ser arrastada para o drama intenso de me apaixonar por um homem que não o meu marido. Este apresentou-se-me como um salvador impetuoso e heroico, mas o seu *verdadeiro* papel no meu destino era esmagar-me o coração de tal forma que nunca mais seria capaz de regressar ao eu anterior, tendo tido de passar vários anos em busca da cura em todo o planeta.

Mas ainda não acontecera nada disso, e, naquela altura, a minha vida afigurava-se bastante boa.

À exceção de um problema de cabelo, o qual era um caos frisado. (Algo que talvez denunciasses que eu não estava tão compostainha como queria parecer.) Um dia, uma amiga olhou para o meu cabelo desgrenhado, que mais parecia um ninho esfarrapado, e disse-me que eu parecia o Art Garfunkel em novo e que tinha

de fazer alguma coisa. Sugeriu-me que fosse ter com uma pessoa chamada Rayya Elias, que fazia cortes de cabelo num apartamento na Avenida C. A Rayya era — prometeram-me — «mesmo muito fixe» e só tratava do cabelo de pessoas de quem gostava.

Por isso lá fui eu ter com a Rayya, para perceber se ela gostaria de mim.

Nesse dia, vesti-me como a assistente de uma loja da Banana Republic, que era a forma como me vestia sempre na altura. Toda eu era calças caqui e casaco de malha. E levava um exemplar do *Atlantic Monthly* debaixo do braço. Lembro-me claramente da minha roupa, porque era muito diferente da da Rayya e me fazia sentir muito diferente dela, que vestia umas calças de cabedal pretas, um *top* branco e umas botas de *motard*. Tinha tatuagens marcantes (isto foi antes de *toda a gente* ter tatuagens — lembram-se desse tempo?), e o apartamento dela estava cheio de arte inspirada em grafítis. Havia guitarras e teclados empilhados num canto. E dois *pitbulls* com cara de cicatriz reboavam alegremente a seus pés.

A Rayya sentou-me na cadeira de cabeleireiro, pôs as mãos no meu cabelo e desatou a rir.

Aquele riso! Aquela gargalhada gigante, maravilhosa e grave! Disse:

— Não te preocupes, querida — sei exatamente o que fazer com a tua pequena penugem de pato! Comecei agora a namorar uma miúda que tem o cabelo como o teu. Sei como resolver este problema.

Descontraí-me de imediato sob as suas mãos, sem nunca duvidar da sua competência. Acho que nem lhe dei quaisquer instruções; deixei-me simplesmente tombar em direção ao seu campo de inabalável autoconfiança, acreditando que ela cuidaria de mim. (Já agora, este ato instantâneo de confiança diz tanto acerca de mim como dela: sempre adorei entregar-me a perfeitos desconhecidos.) E a Rayya tomou conta de mim. Sem esforço

aparente, conversando e rindo o tempo todo, fez-me um corte de cabelo fantástico. O primeiro de quase vinte anos de cortes de cabelo espetaculares.

Já me apaixonei por muitas pessoas à primeira vista, mas não me apaixonei pela Rayya Elias nesse dia. Na verdade, não me apaixonei por ela nos oito ou nove anos seguintes — só muito depois de nos termos tornado grandes amigas. Mas gostava dela. Era engraçada, interessante e exótica. E concordava decididamente com a avaliação que a minha amiga fizera dela: *mesmo muito fixe*.

Lembro-me de perguntar à Rayya sobre as estranhas moedas que se encontravam empilhadas no parapeito da janela. Ela disse que eram as suas medalhas de sobriedade. Eu nunca vira uma, e ela deixou-me manuseá-las. Tinha uma moeda por cada marco da sua recuperação — um dia limpa, noventa dias limpa, seis meses, um ano, dois anos, três...

— Se soubesses quantas medalhas de noventa dias já colecionei na vida! — disse ela, rindo de novo.

Disse-me que fora viciada em cocaína e heroína durante a maior parte da sua vida adulta, mas que estava limpa havia três anos. Mostrou-me as cicatrizes nos braços de quando costumava injetar *speedballs*. Exibia mais cicatrizes no braço esquerdo do que no direito, explicou, porque era destra e tinha mais habilidade com essa mão. Lembro-me de a Rayya parecer muito à vontade quando falava do anterior consumo de drogas e de usar a palavra *agarrada* com um orgulho descontraído que eu nunca vira. Como parecia à vontade no seu próprio corpo de sobrevivente maltratado!

— É um milagre estar viva — disse ela.

Irradiava uma gratidão exuberante que agora reconheço ser comum nas fases iniciais da recuperação. Esta é a etapa a que algumas pessoas chamam «a nuvem cor-de-rosa» — quando o toxicodependente recentemente sóbrio está cheio de alegria por se encontrar finalmente livre da sujidade e escravidão da sua dependência. Não precisam de mais do que têm no momento presente,

porque nem conseguem acreditar que têm um momento presente. A vida parece simples, brilhante, ilimitadamente possível.

Lembro-me também de que nesse dia falámos muito sobre criatividade. Eu disse à Rayya que era jornalista e romancista. Ela explicou-me que voltara a fazer música e que andava a tentar ter coragem para atuar sóbria. Disse-me que lhe era difícil lidar com a vulnerabilidade de viver uma vida criativa sem o escudo das drogas para se esconder.

Mas o que mais se destaca para mim desse primeiro encontro é o seguinte.

A Rayya contou-me que recentemente comprara uma pequena casa em Asbury Park, na costa de Jersey. Arranjara maneira de trabalhar quatro dias por semana como cabeleireira para poder passar três dias por semana na praia. Ia até lá na sua moto e ficava sozinha na praia — a escrever música, a cozinhar no grelhador, a ver o sol nascer. Parece maravilhoso, disse eu, e ela concordou. Mas disse que havia um monte de pessoas na sua vida que estavam furiosas com ela por trabalhar apenas quatro dias por semana. Sentiam-se pessoalmente ofendidas por isso — como se ela estivesse a quebrar uma espécie de regra sagrada do capitalismo. Estavam zangadas por ela estar a passar tanto tempo na praia — como se as pessoas só pudessem ir à praia quando estavam de férias, e apenas durante alguns dias por ano.

— Eu mandei-os irem-se foder! — disse ela. — Não *te* estou a impedir de ires à merda da praia, meu... porque estás chateado comigo? É a *minha* vida, pá! Vai mas é viver a tua!

Fiquei impressionada com a ferocidade descontrainda das suas palavras — com a sua confiança absoluta.

Eu nunca mandara ninguém ir-se foder.

Nunca dissera a ninguém: «Esta é a *minha* vida, pá!»

Acho que ainda não tinha percebido bem que *era* a minha vida que estava a viver. Estava a esforçar-me imenso para ser tudo para todos. Era o ganha-pão e a dona de casa no meu casamento,

além de andar a tentar ser artista. E agora esperava-se que em breve me tornasse mãe. Era demasiado, e eu começava a ceder. Não conseguia imaginar a liberdade de ter uma casinha só para mim, uma moto e três dias de praia por semana.

A Rayya também não se apaixonou por mim nesse dia. Mas gostou de mim. (Não me teria cortado o cabelo se não tivesse gostado!) Anos mais tarde, porém, admitiu que não sabia exatamente *porque* gostava de mim. Eu não era nada parecida com os amigos dela. Não era *punk*, fixe, dura, irritadiça. Não havia nada de *street* em mim. Ainda assim, estava impressionada por eu ganhar a vida como escritora. Era interessante para ela. Ela tinha muitas perguntas sobre a minha relação relativamente não atormentada com a criatividade. Porque *não era* eu mais atormentada?, queria saber. Como conseguia manter o medo e a insegurança afastados, perguntava, ao mesmo tempo que partilhava o meu trabalho mais vulnerável com o mundo?

Neste aspeto, a minha vida parecia uma curiosidade para a Rayya — tão curiosa como a vida dela era para mim.

Mas houve mais uma coisa sobre esse dia.

Anos mais tarde, a Rayya contou-me que, quando eu entrara no seu apartamento, nessa tarde, vira um grande círculo de luz dourada à volta da minha cabeça. Ficara intrigada e desconcertada com o facto. Afirmou que o conseguira ver durante todo o tempo em que me estivera a cortar o cabelo. Tendo sido atraída a vida inteira pelo lado mais sombrio das coisas, sentira-se curiosa com toda aquela luminosidade.

Quem tem assim tanto sol?, lembrava-se de ter pensado. *O que é que isso significa?*

Elizabeth Gilbert regressa com a história do grande amor da sua vida.

Em 2000, Elizabeth Gilbert conheceu Rayya Elias. Tornaram-se amigas, depois melhores amigas e, por fim, inseparáveis. Quando a tragédia se abateu sobre as suas vidas, a verdade veio finalmente ao de cima: as duas estavam apaixonadas. Eram também um casal de viciadas, num caminho de colisão rumo à catástrofe.

E se a tua mais bela história de amor se transformasse no teu maior pesadelo?
E se a querida amiga que te ensinou tanto sobre as tuas tendências autodestrutivas se tornasse a parceira instável com quem reencenaste desastrosamente cada uma delas?
E se a tua mais devastadora desilusão amorosa abrisse espaço para o teu maior despertar?

Todo o Caminho Até ao Rio é um livro de memórias marcante que ressoará com qualquer pessoa que já tenha sido cativa do amor — ou de qualquer outra paixão, substância ou desejo — e que anseia, finalmente, pela libertação.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-185-6



9 789895 961856